

Bom saldo na reunião do FMI

ROBERTO APPY
Enviado especial

WASHINGTON — A 42ª Assembleia Anual do FMI-Banco Mundial encerrou ontem seus trabalhos. Foi uma reunião positiva em razão de uma melhor conscientização dos problemas e da apresentação de soluções certamente não revolucionárias, mas que indicam uma direção que um dia poderá transformar as instituições criadas em Bretton Woods muito mais ágeis. Dize-se que no escritório do diretor gerente do FMI, Michel Camdessus, foi retirado o retrato do Lord Keynes e que será substituído pelo do economista desconhecido que inspirará as instituições mundiais. Um símbolo importante: falta apenas fazer o retrato-falado desse novo economista.

Ao fazer um balanço da reunião, podemos analisar três temas: a evolução da economia mundial e sua coordenação, o problema dos países endividados e, finalmente, a imagem do Brasil entre os participantes.

Há um clima de segurança quanto ao futuro das instituições de Bretton Woods, talvez um pouco exagerado, mas trabalhar com este otimismo ajudou os grandes tenores da assembleia a mostrar um pouco mais de audácia. A economia mundial continua em crescimento. Temia-se para 1987 um grande afrouxamento: na

realidade, se houve um recuo ligeiro não é dramático e as perspectivas para 1988 estão melhores. O que cria tal otimismo é que entre os sete países que dominam a economia do mundo ocidental (Estado Unidos, Japão, República Federal da Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá), os mecanismos de entendimento estão funcionando. O secretário do Tesouro norte-americano propôs que dentro dos indicadores que orientam a política cambial do grupo dos sete esteja incluída a evolução do preço das matérias-primas, inclusive o ouro. A proposta surpreendeu, quando se sabe dos esforços que realizaram no passado os Estados Unidos para retirar o prestígio do ouro nas instituições de Bretton Woods. Alguns interpretaram tais propostas como um primeiro passo para voltar à rigidez do padrão ouro. Não é certamente e tal o sentido da proposta.

O problema do endividamento dos países em desenvolvimento ocupou nos discursos dos participantes um espaço muito maior do que nos anos anteriores. É já um ponto altamente positivo, pois mostra que não existirá prosperidade num mundo em que países endividados estão sempre à mercê de uma crise sócio-econômica. A abordagem do problema do endividamento fez grandes progressos nesta reunião. Para os países mais pobres, o FMI pode con-

tar com recursos maiores, para os países intermediários como o Brasil, reconhece-se a necessidade de inovações. Duas palavras-chave neste contexto: ajustamento com crescimento e cooperação. Qualquer fórmula que inclua um ajustamento sem crescimento é doravante condenada. Reconhece-se que se tem de mudar de atitude e não pedir-se apenas aos países endividados que façam seu papel. Não devemos, no entanto, pensar que isso significa uma menor rigidez. O FMI pretende reduzir o número das suas exigências, mas não as suas exigências. Temos de reconhecer que a intervenção do ministro Luiz Carlos Bresser Pereira na assembleia geral foi muito útil. Conseguir mostrar que o Brasil não é este *enfant terrible* que se imaginava. A conclusão do seu discurso, em que renovou a vontade de manter um diálogo com a comunidade financeira internacional, foi particularmente bem aceita.

O Brasil, todavia, deve ser bem consciente de que para os governos que mandam nessas organizações e entre os bancários existe uma regra: tem de ser respeitada a liturgia das instituições de Bretton Woods e que fora do FMI não existe salvação. Fizemos uma tentativa para escapar dessas regras, mas vamos verificar que tal revolta foi inútil e certamente prejudicial a nossos interesses.